

Capoeira Angola no Grupo Luna: conhecimento ancestral africano e formas de relação contracolonial¹


ARTIGO

Edson Moreira - Mestre Primoⁱ 

Grupo Luna de Capoeira Angola, Belo Horizonte, MG, Brasil

Ana Corina Salas Corrêaⁱⁱ 

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Alice Pessanha Souza de Oliveiraⁱⁱⁱ 

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Cassia Rita Farias^{iv} 

Grupo Luna de Capoeira Angola, Belo Horizonte, MG, Brasil

Resumo

Neste artigo, discutimos o conhecimento ancestral africano e formas de relação contracoloniais a partir da experiência do Grupo Luna de Capoeira Angola. Partimos da ideia de que esta escola preserva a ancestralidade africana na pesquisa e no ensino da Capoeira Angola. Em diálogo com a filosofia latino-americana contemporânea, abordamos os sentidos e a dinâmica do Grupo Luna, a Capoeira Angola como saber ancestral africano, os impactos do epistemicídio em sua compreensão, a noção de corpo como território e a capoeira como potência de aquilombamento. Traçamos uma analogia entre a dinâmica de defesa e ataque própria da técnica de luta africana e a relação escuta-fala. Trata-se de uma escrita narrativa sustentada por uma pesquisa que acontece no movimento do corpo e no exercício da oralidade. A questão central que orienta este trabalho é: como o conhecimento ancestral africano cultivado no Luna ensina a conviver, promovendo um modo contracolonial de ser?

Palavras-chave: Ancestralidade. Capoeira. Colonialismo. Corpo. Quilombos.

Capoeira Angola at Grupo Luna: African Ancestral Knowledge and Counter-Colonial Relations

Abstract

In this article, we discuss African ancestral knowledge and counter-colonial forms of relationship based on the experience of the Grupo Luna de Capoeira Angola. We start from the idea that this school preserves African ancestry in the research and teaching of Capoeira Angola. In dialogue with contemporary Latin American philosophy, we address the meanings and dynamics of Grupo Luna, Capoeira Angola as African ancestral knowledge, the impacts of epistemicide on its

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

understanding, the notion of the body as territory, and Capoeira as a force for quilombagem. We draw an analogy between the attack-defense dynamics inherent to the African fighting technique and the listen-speak relationship. This is a narrative writing supported by research that occurs through bodily movement and the exercise of orality. The central question guiding this work is: how does the African ancestral knowledge cultivated at Luna teach co-living, promoting a counter-colonial way of being?

Keywords: Ancestrality; Capoeira; Colonialism; Body; Quilombos (*Maroons*).

1 Introdução

O Grupo Luna de Capoeira Angola iniciou suas atividades em fevereiro de 1983. Sua ata de fundação foi registrada em cartório em 1989. É o primeiro grupo de Capoeira Angola de Belo Horizonte. O grupo é coordenado por Cássia Rita de Faria Silva e por Edson Moreira da Silva, conhecido como Mestre Primo. Sua missão é promover e valorizar a Capoeira Angola como patrimônio cultural (Grupo Luna de Capoeira Angola, 2023). Para isso, desenvolve treinos abertos para pessoas de todas as idades, rodas de capoeira e rodas de conversa, nas quais se articulam a pesquisa e o ensino do conhecimento ancestral africano presente na capoeira. Além de preservar e difundir esse conhecimento, a escola também promove atividades formativas complementares.

Cássia dedica-se há mais de 20 anos à gestão de recursos, ao cuidado das crianças e famílias do Luna e à criação de redes de apoio para a sustentabilidade da comunidade. Mestre Primo, cuja vida é indissociável da capoeira, atua há mais de 40 anos em sua pesquisa e ensino, sendo reconhecido em 2022 com o título de Doutor por Notório Saber pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Este artigo surge neste contexto de dedicação à Capoeira Angola, buscando analisar e tornar públicas dimensões do conhecimento ancestral africano cultivado nesta escola, com o objetivo de pensar uma experiência contracolonial (Santos, 2022). Trata-se de uma pesquisa que se faz “suando”, pela incorporação e repetição da técnica de luta africana própria da Capoeira Angola, no cultivo de uma cultura anterior e resistente à colonização.

A escrita é narrativa e criada em colaboração com Mestre Primo e Cássia Farias no Grupo Luna, em que saberes emergem da corpo-oralidade (Nascimento, 2020), entrelaçando movimento do corpo e palavra.

Organizamos esta escrita em quatro seções: *Introdução*, *Metodologia*, *Resultados e Discussão* e *Considerações Finais*. Em *Resultados e Discussão*, apresentamos três momentos: “*Na linha do acolhimento*”: *formas de aquilombar-se*, partimos da ideia de que o Grupo Luna é um quilombo; *Capoeira Angola: conhecimento ancestral africano*, abordando a Capoeira Angola como saber ancestral e alguns dos impactos do epistemicídio; e em *Ensinaamentos da técnica: na defesa e na escuta está o ouro?*, pensamos a técnica de luta africana, estabelecendo um paralelo entre defesa/escuta e ataque/fala, problematizando a sobrevalorização da fala/ataque na sociedade ocidental. Nossa hipótese é que a incorporação dessa técnica e o fortalecimento da defesa/escuta, como praticado no Grupo Luna, constituem chave para cultivar relações contracoloniais.

2 Metodologia

A palavra “método” vem do grego *meta*, mais além, e *hodos*, caminho. Na Grécia Antiga, era compreendida principalmente como pesquisa (Dechile, 2025). Apenas na modernidade ganha o sentido de caminho seguro para alcançar a verdade (Lalande, 2013). Com Descartes e Bacon, essa concepção se fortalece e se consolida como método científico, estruturado em etapas e voltado à busca da verdade (Kohan, 2021). Esse modelo se difunde globalmente como via legítima e universal para a produção de saberes, impondo-se sobre outras formas de conhecer.

Walter Kohan (2021), ao abordar o problema do método na educação, questiona a ideia de um caminho único para acessar conhecimentos certos e reivindica a compressão do método como formas de caminhar, abertas às possibilidades e feitas no próprio caminho, o que denomina método pedagógico.

Em diálogo com essa perspectiva e com a etimologia da palavra, compreendemos que pensar o método é responder pelo caminho que escolhemos seguir. A pesquisa no

Grupo Luna, sob orientação do Mestre Primo e da qual emerge este artigo, ocorre pelo corpo e a oralidade, revisitando e estudando sistematicamente a técnica de luta africana que possibilita o jogo da capoeira. Trata-se de uma pesquisa viva e contínua, que busca aprofundar a compreensão do conhecimento ancestral africano preservado na Capoeira Angola.

Este caminho de pesquisa e ensino marcado pela corpo-oralidade, conforme o filósofo Wanderson Flor do Nascimento (2020, p. 86), é atravessado por dois aspectos fundamentais: a “movimentação relacional”, que estabelece proximidade entre quem fala e quem escuta, e a experiência, que faz o vivido alimentar de sentido o que se fala-escuta. Assim, vai se integrando a memória da pesquisa desenvolvida nesta escola, no diálogo permanente estabelecido a partir da experiência corporal dos treinos.

Como destaca Flor do Nascimento em diálogo com Hampaté Bâ (2010), trata-se de uma cultura viva, de um processo de conhecimento “radicalmente distinto do distanciamento ou da objetividade/neutralidade advogadas pelas perspectivas hegemônicas ocidentais” (Flor do Nascimento, 2020, p. 86). Contudo, entendemos que esta maneira de pesquisar, ao ser trazida ao contexto acadêmico, amplia o espectro do que se entende como pesquisa. Ela cria um encontro entre corpos que lutam e encontram sentido na oralidade e o mundo acadêmico. Isso amplia a discussão sobre os saberes não coloniais cultivados no Grupo Luna de Capoeira Angola.

Em coerência com a forma de pesquisar que afirmamos, optamos por escrever de forma narrativa. Esta escrita tem sido lida, discutida e modificada no seio da própria escola. Está ancorada na vivência direta de quem escreve e, por isso, está fora das exigências de submissão à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

Semelhante ao que acontece nas rodas de capoeira, além das pessoas que dão vida à escola, convidamos diversas pessoas a “jogar” conosco. Assim, Wanderson Flor do Nascimento (2020) nos ajuda a pensar sobre quilombo, aquilombar-se e a identidade do povo negro; Aníbal Quijano (2005) sobre colonialidade e raça; Sueli Carneiro (2005) sobre epistemicídio; Mestre Pastinha (1988) sobre a capoeira como saber ancestral africano; Kiusam de Oliveira (2020) e Muniz Sodré (2023) sobre corpo como território; Lenkersdorf

(2008) sobre a escuta numa perspectiva não colonial; e Antônio Bispo dos Santos (2023) o conceito de contracolonialidade.

3 Resultados e discussão

5

3.1 “Na linha do acolhimento”: formas de aquilombar-se

O Grupo Luna de Capoeira Angola é um quilombo, “O Quilombo da Dona Luiza”. Foi Dona Luiza, mãe do Mestre Primo, quem autorizou a construção da escola de capoeira na laje de sua casa. A Dona Luiza era benzedeira, sempre estimulou uma relação de apoio mútuo: benzendo, partilhando comida, incentivando à organização da comunidade. No Grupo Luna continua se cultivando esta forma de relação.

Como escreve Wanderson Flor do Nascimento, o quilombo é um

instrumento ideológico contra as formas de opressão alimentando um sonho de liberdade ética e política, que aparece como uma maneira de oferecer um reforço à comunidade negra que se volta para uma atitude crítica frente às desigualdades sociais a que está submetida (Flor do Nascimento, 2020, p. 69).

A territorialidade de um quilombo não se limita a um tempo histórico, mas a uma relação específica com o território. Como compreendemos com Flor do Nascimento, o quilombo é um território comunitário marcado pelo sonho de liberdade e pela resistência às opressões da comunidade negra, que pode estar em um assentamento rural ou em um prédio, como no caso do Luna.

Inaugurado em 2001, a parte do prédio cedida por Mestre Primo para uso da entidade se tornou a sede da escola, com o propósito de se manter, ao longo do tempo, como um espaço de preservação da capoeira. Hoje, a escola-quilombo possui três andares: no primeiro, há uma cozinha ampla, uma copa, e uma sala de reuniões; no segundo, uma sala de uso exclusivo para a capoeira e uma pequena sala de aula destinada à atividades variadas, como o ensino de inglês e música; no topo, fica a moradia onde vive o Mestre Primo.

O lugar é belo e limpo, feito com materiais de qualidade, algo que Cássia costuma ressaltar. Para ela, qualquer espaço que acolha pessoas, especialmente da periferia, deve ser de qualidade, abraçando quem chega.

No luna, o território é fundamental. No jogo da capoeira, que é luta, o essencial é proteger o próprio território. Ter um território próprio permite cultivar o quilombo, fortalecendo homens, mulheres e crianças com os conhecimentos de cada um.

O quilombo, no luna, trata-se de uma forma de convívio que temos perdido, de um conhecimento que não foi levado em conta.

(...) Apagaram o quilombo. Nós precisamos nos aquilombar de novo. Mas para fazer isso, é preciso criar processos acolhedores. Essa sabedoria que o sistema pisou é o que vai nos dar as respostas. Para construirmos outra lógica, a lógica do aquilombamento, temos que estar muito conscientes e fortes. Temos que acreditar em nós mesmos, cada vez mais. E o corpo é o farol (Moreira; Gontijo, 2023).

É por meio dos treinos e da prática da capoeira que se fortalece o corpo, permitindo a escuta de suas potências e limitações. Aprendemos a respeitar os nossos limites e os limites da outra pessoa com quem jogamos. O jogo da capoeira só é possível porque existe outra pessoa, uma comunidade com quem jogar, com quem aprender. O conhecimento ancestral africano presente na capoeira nos ensina a nos relacionar com os outros e as outras, desde uma lógica da cooperação, do apoio mútuo, e não da concorrência.

3.1.1 Acolhimento no meio da mercantilização

Em sintonia com isto, entendemos que a capoeira não pode funcionar sob os parâmetros do mercado. A possibilidade de incorporar este conhecimento ancestral africano tem que ser para todas as pessoas, como costuma afirmar o Mestre Primo: “*negra, branca ou azul*”. Assim, no luna, todas as atividades são gratuitas e abertas a todo o público. Não se aceita pagamento para participar dos treinos, nem se exige uniforme, vestimenta especial ou qualquer outra condição. Como se repete constantemente, a

capoeira não é um produto e não pode ser vendida; é um caminho de liberdade ensinado, vivido e partilhado por nossos ancestrais, uma cultura viva.

No luna, discutimos os problemas da cobrança de um pagamento como condição para acessar o conhecimento. Ao cobrar, a capoeira se torna inacessível para pessoas com menos recursos econômicos que, no Brasil e na maior parte do mundo, são majoritariamente não brancas. Isso dificulta o acesso do povo negro a um conhecimento de luta vindo da África, capaz de possibilitar a reconstrução de sua própria identidade.

A partir da colonização, como nos disse Aníbal Quijano (2007), geram-se novas construções e transformações identitárias. O que eram antes tupinambás, maias, zapotecos, zenu, muiscas, entre outras milhares de etnias, tornam-se indígenas. Algo semelhante ocorre com os povos sequestrados do continente africano: bantos, nagôs, jejes e outros milhares, tornam-se negros. Na imagem do povo negro afirmada pela colonização, as pessoas negras eram apenas objetos, mercadorias e moedas (Mbembe, 2014 *apud* Flor do Nascimento, 2020, p. 30). Constrói-se, assim, a identidade do negro enquanto povo, mas também do indígena e do branco, definindo-se, de acordo com esta matriz classificatória, quem devemos ser, como ser e como compreendemos a nós mesmos(as) e os modos como vivemos a vida, nossa relação consigo e com o outro, a outra.

Quando falamos de recuperar a identidade, não falamos da identidade enquanto uma essência ou subsistência, mas como movimento de construção da imagem de si (Flor do Nascimento, 2020, p. 26). Compreender a identidade como construção (e não como essência) é um gesto contracolonial, pois permite se reinventar para além da imagem imposta pela lógica colonial.

Antônio Bispo dos Santos (2022) define a contracolonialidade como um modo de vida não colonial, em suas palavras:

O contracolonialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. O contracolonialismo é um modo de vida diferente do colonialismo. O contracolonialismo praticado pelos africanos vem desde a África. É um modo de vida que ninguém tinha nomeado. Podemos falar do modo de vida indígena, do modo de vida quilombola, do modo de vida banto, do modo de vida iorubá (Santos, 2022, p. 40).

Através da incorporação do conhecimento ancestral africano presente na Capoeira Angola é possível a construção de outra imagem de si. Reconhecer, por meio do corpo, que o povo negro é descendente de africanos e africanas com saberes e tecnologias próprias que possibilitaram e possibilitam a manutenção e o cuidado da vida, de modo a não apenas reproduzir a imposição de modos de vida coloniais, tornando-se, portanto, contracolonial.

3.1.2 Política, partilha e articulações

Outro gesto fundamental de aquilombamento no luna é a partilha da comida. Cássia, que já teve um restaurante de comida natural, cuida da cozinha e qualquer pessoa que chega é convidada a tomar café, lanche ou comer uma fruta. Após cada treino e roda, há sempre um momento de confraternização que nos treinos de adultos também se torna espaço para conversar e pensar sobre a capoeira. Mesmo com Mestre Primo e Cássia à frente, é comum que alguns adultos levem comida e todos (crianças e adultos) participem do cuidado e limpeza do lugar. Como cantamos na roda: “Maria Conga, esse quilombo é nosso, esse quilombo é teu e é meu, esse quilombo é nosso.”

Para que as ações do luna se mantenham contínuas e gratuitas, há um cuidado sistemático na organização e sustentabilidade financeira realizado principalmente por Cassia. Esse cuidado possibilitou que o luna fosse aprovado e certificado como Ponto de Cultura pelo Ministério da Cultura (MINC), em 2010, e contemplado em outros editais. Além disso, a escola conta há anos com o apoio do Grupo América Latina da Onlus Solidária Sant’Angelo, ONG de Milão, Itália, que contribui para a manutenção básica do prédio.

Para garantir a sustentabilidade do território e fortalecer o trabalho que se desenvolve é preciso ampliar o diálogo com outros grupos, comunidades, governo e Estado, visando a organização e o aquilombamento além da escola. O Mestre Primo também é um exemplo disso. Sua trajetória no Movimento Negro tem sido central na

articulação entre capoeira, política e educação. Ele atua como promotor do Fórum da Capoeira, idealizador do Encontro Nacional de Capoeira Angola, que já conta com cinco edições, e do projeto *Caravana de Angola*, que já teve duas edições. Ambos os eventos foram realizados pelo Grupo Luna com financiamento público, de forma gratuita e aberta a todas as pessoas.

A titulação do Mestre Primo como doutor pela UFMG ampliou ainda mais o diálogo da escola, agora também com a universidade. Em 2022 e 2024, Mestre Primo foi professor convidado do curso de extensão *Saberes Tradicionais: Artes e Poéticas Ancestrais*. No primeiro ano, a disciplina abordou *Capoeiragem e Memória nas Gerais*; no segundo, *Caravana de Angola*, que incluiu quatro visitas a grupos de Capoeira Angola da região metropolitana de Belo Horizonte e Ouro Preto.

3.2 Capoeira Angola: conhecimento ancestral africano

“Chegamos. Entramos na sala, ampla, iluminada, ventilada, com chão de taco. O Mestre Primo se coloca no fundo, dando as costas para a parede. Vamos nos colocando a certa distância frente a ele, olhando para ele. Ele começa a fazer movimentos de aquecimento que vamos repetindo; depois, começa a fazer movimentos próprios da capoeira. Devagar, enquanto aquecemos. ‘Negativa lateral, negativa de frente, rabo de arraia até o final, role, pulo de deslocamento e rabo de arraia’, dessa forma vai narrando a sequência que realiza. Nós, com a nossa corporalidade, acompanhamos os movimentos. Assim são os primeiros 30 minutos. Eles terminam com o Primo dizendo: ‘volta ao mundo’. Todas e todos damos uma volta à sala andando. Chegou o momento de treinar “bananeira”, para trabalhar o equilíbrio físico e mental. Depois, o Primo chama algum aluno ou aluna para mostrar uma sequência. Em duplas, praticamos a sequência. Fazemos alguma pergunta, o Mestre nos dá algum ‘toque’: ‘Guardem essa sequência no seu bolso’, costuma dizer. Jogamos.

Em algum ponto, pede para fazer uma roda. É o momento do estudo. Todas nos sentamos no chão, ele também. Duplas organizadas de forma aleatória ou pelo Mestre

Primo vão jogando no meio da roda que se formou. Observamos os jogos. Surgem comentários, perguntas que o Mestre Primo sempre procura responder com o corpo: ‘Vamos ver isso na prática’, diz. A última meia hora do treino é a música. Cada pessoa pega um instrumento e formamos a bateria. Tocamos, cantamos. Caso seja preciso, Primo também faz algum comentário, ensina algo em específico de algum dos instrumentos ou do cantar: ‘Os couros não podem tocar mais alto do que o berimbau’; ‘A voz do cantador tem que ser escutada’; ‘Quando a gente toca o instrumento, isso ajuda a trabalhar as emoções’ - diz.

Ao longo dos anos, o Mestre Primo vai fazendo pequenas variações nos treinos. A repetição da técnica da capoeira parece ser fundamental. ‘É aí, na repetição do rabo de arraia, na negativa, que está o conhecimento’; ‘É suado, é com o corpo que você aprende’; ‘Não precisa ter pressa em aprender’; ‘A gente sempre está aprendendo’.

Este texto foi inicialmente apresentado no *XI Colóquio Internacional de Filosofia e Educação: Estudar?* promovido em 2022 pelo Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A partir da experiência com a capoeira, propusemos pensar o que significa estudar: do que falamos quando falamos de estudo? Onde ele acontece? Como? Que cultura ele afirma? No espaço universitário, quais práticas são legitimadas como formas legítimas de saber?

O treino de capoeira pode ser compreendido enquanto estudo. Entendendo por estudo uma relação de empenho, afeição, dedicação, de se colocar inteiramente em um assunto. Agora, qual é o lugar que damos às escolas e aos mestres e mestras de capoeira na nossa sociedade? De que maneiras as formas como pensamos e nos relacionamos com as escolas de capoeira podem ecoar o epistemicídio presente na sociedade?

O epistemicídio, conforme conceitua Sueli Carneiro (2005, p. 97), vai além da simples desqualificação do conhecimento dos povos subjugados. Envolve a produção da indigência cultural, por meio da inferiorização intelectual, da deslegitimação do povo negro como produtor de saberes, do rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e do comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação institucionalizados no sistema educacional.

A colonização negou o saber das pessoas africanas trazidas à força, mesmo quando elas detinham conhecimentos fundamentais para atividades como a construção, a mineração e o cultivo, que sustentaram a riqueza do Brasil e da Europa. Esses saberes transmitidos pelo corpo e não pelos livros foram sistematicamente invisibilizados, assim como o conhecimento que constitui a luta que aqui no Brasil chamamos de “capoeira”.

Como nos lembra Mestre Primo: “*Toda inteligência diferente da inteligência do colonizador não importou*”. E ainda: “A sociedade foi construída sobre o pensamento da conquista, e a sua atmosfera acabou entrando pelos nossos poros” (Moreira; Gontijo, 2023). Diante disso, torna-se necessário nos perguntar: que formas de inteligência valorizamos? A quais vozes escolhemos escutar?

3.2.1 Uma luta não colonizadora

O conhecimento ancestral africano que constitui a capoeira enquanto luta, pensamos, é uma forma de desconstruir a lógica colonizadora. Em palavras do Mestre Primo:

É uma luta pela liberdade e não para destruir o outro. Não é a lógica da competição, é a lógica da interação com o outro. Não é a lógica do processo colonizador, que opera destruindo o outro. O processo de aprendizagem é coletivo. Falamos da luta de fortalecimento de um povo. (Moreira; Gontijo, 2023).

Na capoeira, a presença da comunidade é essencial, seja para jogar, formar a bateria ou compor a roda. A outra pessoa não está ali para ser dominada ou vencida. Todas e todos estão integrados. Eu preciso de outra pessoa, não para ser igual a ela, mas para encontrar meu próprio ritmo e, assim, poder jogar com ela. No jogo, ao atacar e defender, faço o movimento fluir. Respeito sua diferença, respondendo a ela. Respeitar a diferença é justamente permitir que ela exista (Moreira; Gontijo, 2023).

Esse aprendizado acontece no corpo, por meio da técnica da capoeira. A técnica se expressa nos movimentos que estruturam o jogo. Entre os de defesa, estão a negativa lateral, a negativa de frente, a esquiva, o rolê e a queda de rins. Entre os de ataque, destacam-se o rabo de arraia, a chapa de frente, a chapa de costas e a tesoura. A

articulação entre defesa e ataque é fluida, pois um nasce do outro. Somando-se a esses movimentos, temos a “ginga”: “movimentos do corpo que o capoeirista executa com objetivo de distrair atenção do adversário para torná-lo vulnerável à aplicação de seus golpes” (Mestre Pastinha, 1988, p. 50).

Este saber é de origem africano, como nos diz também o Mestre Pastinha (1988), quem é um dos primeiros em criar uma escola de Capoeira Angola. Ele aprendeu esta técnica de luta com o Benedito, uma pessoa escravizada trazida de Angola. O Benedito, era apenas uma, entre muitas pessoas, que traziam nos seus corpos este conhecimento da África.

É importante lembrar disso, porque o discurso imperante costuma negar a origem africana da capoeira, buscando apagar o poder do povo negro africano manifesto nesta luta. Nesses discursos, a capoeira seria apenas “esporte, folclore ou cultura nacional” do Brasil. O que nos lembra o que escrevem Ellen Lima de Souza e Alexandre Filordi Carvalho, em diálogo com Nobles Wade, que afirma: “a escravidão tirou os negros da África, mas a colonização tentou tirar a África dos negros” (Carvalho; Souza, 2021, p. 11).

Defendemos que o que possibilita o jogo da capoeira, é uma forma de se movimentar, agir e estar no mundo, que é anterior à colônia e que, por tanto, não responde ao modelo colonial marcado pela opressão e a competição. A técnica corporificada seria uma porta de entrada à história, uma forma de desconstruir corporalmente a imagem do povo negro que é contada sob a lógica da colonialidade em que se afirma que o povo negro não tinha conhecimento.

Por meio da técnica o corpo acessa um conhecimento ancestral que oferece outro entendimento da vida, por exemplo, a partir de sua incorporação, “entendemos que a inteligência está no corpo como um todo, não apenas na cabeça” (Moreira; Gontijo, 2023).

3.2.2 Ancestralidade e tradição, o corpo como território

É importante distinguir aqui a ancestralidade da tradição. No luna, a tradição só é válida quando nos traz ensinamentos sobre a movimentação e impulsiona a vida. Quando

uma tradição estagna, ela está associada ao sistema colonizador que quer transformar tudo em produto, algo que está pronto para ser vendido.

Já o saber ancestral, por sua vez, traz o movimento que ativa o corpo. A ancestralidade está sempre em movimento, não tem fim, não tem como vendê-la. A capoeira que buscamos é infinita, pois ensina sobre libertação e vida. Ela ressignifica o comportamento e o olhar diante do mundo (Moreira; Gontijo, 2023).

Isso está em diálogo, a *Pedagogia da ancestralidade (ou Eco-Ancestral)* proposta por Kiusam de Oliveira (2020), na qual os conhecimentos ancestrais são elementos-chave da aprendizagem e na qual o corpo é o templo. O corpo-templo é “(...) um território sagrado, consciente de que precisa ser reestruturado como um corpo-templo-resistência para que seja capaz de combater o racismo institucional e a necropolítica cotidiana, em uma perspectiva sócio-cosmo-política” (Oliveira, 2020, p. 5).

“*Tem que treinar, tem que treinar, não tem outro jeito*”. “*A saúde é ouro*”. “*O sistema quer nos ver sem saúde, nos quer mortos*”. Essas palavras de Mestre Primo expressam a importância do cuidado com o corpo. No lunda, o treino, a forma de treinar e a maneira de praticar capoeira devem manter a pessoa preparada para a luta e, ao mesmo tempo, promover o autocuidado. Da mesma forma, cuidar da alimentação é essencial, pois significa zelar pelo corpo-templo (Oliveira, 2020). Por isso, a violência dentro da roda é inaceitável, assim como a perpetuação de práticas de treino que levem à exaustão e ao desgaste físico.

O corpo é um território que deve ser cuidado e a capoeira possibilita uma forma de cuidado do corpo a partir do aquilombar-se. Esta relação entre corpo e território pode ser pensada a partir de Muniz Sodré (2019) quando este afirma que:

(...) bantos do Sudoeste africano para os quais “a conquista do espaço, do território, é antes de tudo uma tomada de posse da pessoa”. Por ocasião do primeiro ritual iniciático, ensina-se o jovem a tratar o corpo como um mundo em escala reduzida. Com o desenvolvimento do processo, é a casa que se constitui como macrocosmo do corpo. E assim, vai-se ampliando o espaço físico-espiritual do indivíduo (Sodré, 2019, p. 63-64).

Dessa forma, esse conhecimento ancestral africano é ensinado e aprendido através do encontro entre corpos, entre esses territórios, mundos em escala reduzida. É nele e através dele, a partir da ampliação da própria força, que com a capoeira se faz quilombo.

3.3 Ensinaamentos da técnica: na defesa e na escuta está o ouro?

Na capoeira, se aprende umas com as outras e todas são responsáveis pelo desenvolvimento da roda. O mestre ou a mestra é parte dessa comunidade, demonstrando essa responsabilidade com o aprendizado mútuo contínuo.

É uma comunidade que se constitui a partir de uma relação de escuta permanente com os que vieram antes, com os que estão agora e com os que virão. A capoeira que veio da África é um saber que se *recebe* ao experienciar, no próprio corpo, o que os africanos e africanas ensinaram àqueles que vieram antes de nós.

Na roda, assim como no jogo da capoeira, o movimento é circular. Em alguns momentos, estamos sentados em roda, formando o coral; em outros, jogando; em outros, participando da bateria, cantando e tocando, seja o agogô, o atabaque ou o berra boi. Todas as pessoas são responsáveis por cuidar da energia da roda. Se alguém se levanta, todas estão atentas para se "arredar" e manter o círculo. Se alguém demonstra cansaço e deseja parar de tocar um instrumento, quem percebe e deseja tocar se levanta e assume o lugar.

Quem está no berra boi ou gunga que normalmente é tocado por pessoas mais experientes, como mestres ou mestras, dá alguns "toques" quando percebe que a energia da roda não está sendo bem cuidada. Pode pedir para trocar o tocador ou a tocadora de algum instrumento, para fechar mais a roda, para ter cuidado com as crianças, ou, se necessário, interromper o jogo caso este esteja se tornando violento.

É possível manter essa circularidade e energia da roda sem escuta? Como se manifesta nela a escuta? Que forma da escuta está tendo lugar? Qual é a relação ou as relações entre esse movimento circular e a escuta? Entre a comunidade e a escuta? Há comunidade sem escuta? Há escuta sem comunidade?

3.3.1 Escuta como princípio da comunidade

Carlos Lenkersdorf no seu livro *Aprender a escutar* (2008), desenvolve a escuta desde a perspectiva *maya tojolabal*. Pensamos que esta cultura indígena pode nos ajudar a pensar a relação entre escuta e comunidade. Escutar nesta perspectiva, seria similar a sentir, receber. Escutar estaria vinculado a receber algo que é do outro, da outra, que não é feito ou produzido por nós. Escutar implicaria receber palavras que

Nos tiram do centro, de onde o nosso “eu” prefere estar para mandar, dirigir e ocupar o topo. Ao nos tirar do centro, não nos marginalizam nem nos empurram para a periferia, mas integram o nosso eu ao nós. Formamos uma comunidade dialógica. Eis a obra secreta do acolher. Ao escutarmos as palavras daqueles que nos falam, adentramos uma realidade até então escondida (Lenkersdorf, 2008, p.18, tradução nossa).

Escutar, de acordo com a vivência *tojolabal*, nos expõe a uma realidade que antes não era acessível para nós. Nos coloca dentro de uma comunidade com a qual temos uma relação dialógica, com a qual não temos uma relação de mando nem subordinação. Escutar torna possível a experiência do “*nos-otros(as)*”, porque faz possível o diálogo.

O diálogo, seja feito com o corpo como no jogo da capoeira, ou com palavras, só é possível se acreditamos que a outra pessoa pode compreender o que estamos comunicando, e se consideramos que o que ela tem a comunicar é relevante (Flor do Nascimento, 2020, p. 39). É esse movimento, da legitimação da própria voz e da voz da outra pessoa o que possibilita a existência da comunidade. Quer dizer, sem escuta não há diálogo e sem diálogo não há comunidade.

Alguns detalhes da capoeira desenvolvida no luna nos fazem pensar a escuta, como princípio do diálogo e da comunidade, do aquilombamento. Referimo-nos à capoeira desenvolvida no luna, porque cada escola tem suas particularidades e formas de vivenciar essa cultura viva. Ao mesmo tempo, reconhecemos que muitos dos elementos que abordamos podem ser considerados próprios da capoeira ou da Capoeira Angola, e não apenas de uma escola específica.

3.3.2 A dinâmica da técnica

Ao destacar a importância da defesa na técnica que possibilita o jogo da capoeira, pensamos na escuta. A defesa é um movimento que realizamos em resposta ao ataque da outra pessoa. Cada ataque exige uma defesa e é a partir da defesa que surge o ataque. É assim que a roda gira. Compreendemos a partir da pesquisa que realizamos ao incorporar a técnica que quando há ataque sobre ataque, instala-se no jogo a agressividade e a violência. Por outro lado, o jogo não acontece se uma pessoa permanece apenas na defesa e a outra apenas no ataque. Trata-se de um movimento contínuo de pergunta e resposta.

O movimento de defesa é um movimento de recebimento: a pessoa reconhece que a outra está fazendo um movimento que a coloca em perigo; dialogando com o movimento da outra, se protege saindo do risco em que é colocada para, desde esse lugar de proteção, fazer o movimento de ataque. Quando um golpe entra - quer dizer, quando a defesa não foi suficientemente eficiente -, a outra pessoa está ajudando a ver onde está faltando colocar atenção. É um diálogo que se faz com o corpo todo, onde uma vai ajudando a outra a se perceber, percebendo-se – e vice-versa.

“É na defesa que está o ouro”, “tenha calma, tenha calma”, diz o Mestre Primo repetidamente. Na leitura do Grupo Luna, pela influência do mercado, o movimento de defesa na capoeira tem se perdido, prevalecendo o ataque e tornando a roda mais violenta e agressiva. Em muitos jogos, a defesa é ignorada e o ataque se volta à exibição. Nesses casos, o jogo se afasta da conexão com a outra pessoa e da comunidade, tornando-se espetáculo para um público.

No luna, a concentração na defesa não ocorre apenas no jogo da capoeira, mas também na vida. Por exemplo, nas conversas no luna, quando, na empolgação, o Mestre Primo e outra pessoa começam a falar ao mesmo tempo, é perceptível como o Mestre Primo é o primeiro a parar de falar, prestar atenção no que a outra pessoa está dizendo e, assim que ela termina, compartilhar suas ideias, muitas vezes já considerando o que foi dito.

O que acontece se pensarmos na escuta como “defesa” e na fala como “ataque”? Se nos concentramos apenas em falar, sobrepondo, fala sobre fala, poderíamos dizer que é daí que surgem a agressividade e a violência. Mas e se apenas uma fala enquanto a outra apenas escuta, ainda podemos chamar isso de diálogo?

Associar a escuta a defesa dentro da técnica da capoeira, nos faz pensar que se nos concentramos mais na escuta, permitindo que dela surja a nossa fala, podemos estabelecer um jogo com a outra pessoa, no qual uma aprende com a outra e vice-versa, gerando um movimento comum, marcado também por uma certa circularidade.

É a dinâmica inseparável entre defesa-ataque que possibilita a luta, o diálogo. A partir da prática da capoeira, entendemos que defesa-ataque, fala-escuta, não estão separadas, se queremos manter e nos manter na luta, no diálogo. Trata-se de um movimento contínuo: da defesa surge o ataque; do ataque surge a defesa. Da escuta surge a fala; da fala surge a escuta.

O que se opõe a cultura na que vivemos que está marcada pela herança ocidental da colonização, na qual fala e escuta são separadas e se dá mais importância à fala do que à escuta (Lenkersdorf, 2008), ao ataque do que à defesa. Nessa cultura, parece existir um anseio não por se aproximar do outro, da outra, criando comunidade, mas por superá-lo(a), em um movimento de competitividade. Nesse contexto, dar mais atenção à defesa/escuta pode ser uma chave para sair da reprodução deste sistema.

3.3.3 Percepção corporal e musicalidade

“Joga pra mim, que eu jogo pra você”, diz outro corrido da capoeira. Para o Mestre Primo, a capoeira acorda uma inteligência que acontece no corpo todo ou em palavras de Luiz Rufino (2019) uma “inteligência integral”. Essa inteligência integral está diretamente ligada à ampliação da nossa percepção. Um exemplo disso é a sensação que vai surgindo, após anos de treino, de perceber o corpo na sua totalidade. Num jogo, estando atenta, mesmo sem olhar com os olhos, a pessoa consegue sentir de onde vem o golpe. Isso não significa que o olhar não tenha importância, mas, sim, que ele é apenas um dos elementos

que compõem a percepção. O Mestre Primo ciente disto, não insiste que no momento do jogo seja necessário olhar constantemente para a outra pessoa. Isso porque se compreende que a percepção do outro não se dá apenas pelo olhar, mas por uma escuta sensível do corpo capaz de captar presenças, ritmos e intenções.

Isso nos parece fundamental para pensar a escuta-fala. Se pensamos que a escuta passa por receber, por sentir, não escutamos só com os nossos ouvidos. Ele é só um dos canais de recepção do mundo que temos, mas o nosso corpo todo é receptor, é sensível. Em outras palavras, se escutamos só com os ouvidos, estaríamos deixando de escutar, de receber outras percepções que também são importantes para o andamento do diálogo, porque sentimos/pensamos com o corpo todo, não só com uma parte dele. O mesmo podemos pensar da fala, não falamos apenas com palavras, o nosso corpo todo expressa, e coloca de manifesto a nossa forma de existir e de interagir. A escuta e a fala são corpo.

A musicalidade da capoeira é outro componente que nos faz pensar na escuta. No momento do treino, quando cada pessoa pega um instrumento, é perceptível pelo som que sai do instrumento como está a pessoa emocionalmente. Ao escutar o som do atabaque meio caído ou para baixo, ou quando o berimbau está rápido demais, o Mestre Primo chama atenção para o som que está saindo. Pede calma. Diz que o instrumento ajuda a trabalhar as emoções. Que tem que existir certa harmonia entre os instrumentos, de forma que os sons dos berimbaus e a voz do cantador ou da cantadora possam ser escutados.

Tanto ao tocar os instrumentos quanto no diálogo com quem se está jogando, é como se fossem formas de (se) escutar. É como se o estado anímico se refletisse e se expressasse no som que se consegue tirar do instrumento e na maneira como se está jogando. Também ao escutar o som que a outra pessoa tira do instrumento ou jogar com outra pessoa é como se fosse possível perceber seu estado anímico. Para receber, sentir, o estado anímico da outra pessoa precisamos, como no jogo da capoeira, dar lugar a diferença. O outro não sou eu.

A prática da capoeira no Grupo Luna mostra que a pesquisa da técnica de luta africana se estende à constituição de relações de cuidado, escuta e responsabilidade

compartilhada. A circularidade da roda e a articulação inseparável entre defesa e ataque, escuta e fala revelam que o conhecimento ancestral africano é ao mesmo tempo saber corporal de luta e instrumento de construção comunitária. A percepção de si e da outra pessoa com o corpo inteiro, aliada à atenção à musicalidade, permite a conexão ao movimento coletivo e à experiência do “*nos-otros(as)*”. Assim, a articulação entre defesa/escuta e ataque/fala possibilita a luta e a vida, configurando um convívio que se contrapõe às lógicas coloniais de separação, competição e hierarquia.

4 Considerações finais: agradecimentos a quem faz possível esta escola

Compreendemos que a metodologia que adotamos não segue um modelo pré-estabelecido como o “método científico”, sendo um caminho de pesquisa em movimento em que corpo e palavra falada-escutada se entrelaçam, afirmando uma perspectiva não hegemônica de relação com o conhecimento. O Grupo Luna de Capoeira Angola é assim assumido como lugar em que se cultivam saberes contracoloniais capazes de dialogar criticamente com a academia, ampliando a compreensão do que é pesquisa.

Ancorada no aquilombamento e no conhecimento ancestral africano presente na técnica que possibilita o jogo da capoeira, o Grupo Luna é assumido como quilombo, um “instrumento ideológico contra as formas de opressão”. Essa prática de luta cultiva a escuta e o cuidado com o próprio corpo e com os outros e outras. Promove uma forma de convívio contracolonial e instaura o aquilombar-se na territorialidade do corpo. Ressalta ainda a importância da conquista e cuidado do território como espaço comum para incorporar essa forma de conviver.

Agradecemos aos africanos e africanas que trouxeram, cultivaram e compartilharam este conhecimento, pesquisado e ensinado na linha do acolhimento no Grupo Luna de Capoeira Angola. Manter a escola nesse caminho é possível graças ao compromisso do Mestre Primo e da Cássia com essa cultura contrária à colonização. Esse compromisso, unido à potência do conhecimento ancestral, inspira outras pessoas e organizações a apoiar seu cultivo.

É preciso agradecer também a Dona Luiza, mãe do Mestre Primo, que acreditou nele e disponibilizou a laje de sua casa para tornar esta escola de capoeira uma realidade, assim como a muitas outras pessoas que de diversas formas possibilitaram e possibilitam sua existência. Um lugar que é refúgio para quem chega e, sobretudo, para uma cultura ancestral que veio da África. Uma cultura que ao darmos refúgio também nos refugia.

Referências

CARNEIRO, Sueli Aparecida. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 243 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2025.

CARVALHO, Alexandre Filordi; SOUZA, Ellen de Lima. O erê e o devir-criança negro: outros possíveis em tempos necropolíticos. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 17, p. 01–28, 2021. DOI: 10.12957/childphilo.2021.56331. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/childhood/article/view/56331>. Acesso em: 11 maio 2025.

DECHILE. **Método**. [S.l.]: [s.n.], [20--] Disponível em: <https://etimologias.dechile.net/?me.todo>. Acesso em: 4 jun. 2025.

FLOR do Nascimento, Wanderson. **Entre apostas e heranças: Contornos africanos e brasileiros na educação e no ensino de filosofia no Brasil**. Rio de Janeiro: NEFI, 2020.

GRUPO IUNA DE CAPOEIRA ANGOLA. Quem somos. **Grupoiuna.org**. 2023. Disponível em: <https://grupoiuna.org/quem-somos/> Acesso em: 05 jan.2024.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. *In*: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos; Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar, 2007. p. 285–327.

KOHAN, Walter. Existe o “método Paulo Freire”? *In*: KOHAN, Walter. **Paulo Freire um menino de 100 anos**. Rio de Janeiro: NEFI Edições, 2022.

LALANDE, André. Méthode. In: VOCABULAIRE technique et critique de la philosophie. Paris: PUF, 2013.

LENKERSDORF, Carlos. **Aprender a Escuchar**. D.F México: Plaza y Valdés, 2011.

MOREIRA, Edson (Mestre Primo). **Memorial de Notório Saber: Capoeira Angola**. Belo Horizonte, MG: Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, 2020.

MOREIRA, Edson (Mestre Primo); GONTIJO, Paula. O corpo é o farol. **Piseagrama.org**. 2023. Disponível em: <https://piseagrama.org/extra/o-corpo-e-o-farol/> Acesso em: 20 nov. 2023.

OLIVEIRA, K. de. (2020). Literatura Negro-brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil. **Abatirá - Revista De Ciências Humanas E Linguagens**, [S.l.], v.1, n. 1, p. 03–14. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/8845> Acesso em: 10 ou.2023.

PASTINHA, Mestre. **Capoeira Angola**. 3. ed. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá a terra quer**. São Paulo: UBU, 2023.

SODRÉ, Muniz. **O território e a cidade: a forma social negro-brasileira**. 3. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

ⁱ **Edson Moreira -Mestre Primo** ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4374-3819>

Universidade Federal de Minas Gerais

Doutor por Notório Saber em Ciências da Informação

Grupo luna de Capoeira Angola

Com mais de 40 anos de atuação, iniciou-se na capoeira em 1975 e cofundou o Grupo luna em 1982. Mestre desde 1990, dedica-se ao ensino e à pesquisa da Capoeira como saber ancestral africano. Em 2022, foi reconhecido como Doutor em Ciência da Informação (Notório Saber) pela UFMG. Contribuição de autoria: Conceituação, Investigação, Metodologia, Supervisão, Redação - revisão e edição.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7077476837990448>

E-mail: mestreprimo@gmail.com

ⁱⁱ **Ana Corina Salas Correa**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0239-0420>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Programa de Pós-graduação em Educação
Doutoranda em Educação

Bacharel em Filosofia pela Universidad Central de Venezuela. Mestra e doutoranda em Educação pela UERJ Pesquisa Filosofia da Educação com foco em “escolas que não são escolas”, práticas educativas não coloniais. Aprendiz de Capoeira Angola no Grupo Luna de Capoeira Angola. Contribuição de autoria: Conceituação, Investigação, Metodologia, Redação do manuscrito original Redação - revisão e edição.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7077476837990448>

E-mail: anacorinasalascorreia@gmail.com

iii **Alice Pessanha Souza de Oliveira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0634-2277>

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Doutoranda em Filosofia

Doutoranda em Filosofia pelo PPGF/IFCS-UFRJ, com mestrado em Educação pelo ProPEd-UERJ e graduação pela mesma universidade, dedica-se a pensar e pesquisar a relação entre a invenção, de sujeitos e modos de vida, e a filosofia a partir de uma perspectiva decolonial.

Contribuição de autoria: Investigação, Redação do manuscrito original, Redação - revisão e edição.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1113533236348467>.

E-mail: alicepessanha07@gmail.com

iv **Cassia Rita Farias**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7291-7147>

Grupo Luna de Capoeira Angola

Técnica em Nutrição e Dietética, com formação em Contabilidade e Magistério. Coordena administrativamente o Grupo Luna de Capoeira Angola desde 1998 e é presidente desde 2020. Atua na gestão financeira, no cuidado com as famílias e no acompanhamento das crianças.

Contribuição de autoria: Administração do projeto, Supervisão, Redação - revisão e edição.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0940749696813882>

E-mail: cassiarita.faria@gmail.com

Editora responsável: Genifer Andrade

Especialista *ad hoc*: Adelcio Machado dos Santos e Eder Ahmad Charaf Eddine.

Como citar este artigo (ABNT):

PRIMO, Edson Moreira -Mestre.; *et al.* Capoeira Angola no Grupo Luna: conhecimento ancestral africano e formas de relação contracolonial. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 8, e16054, 2026. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/16054>



Recebido em 15 de agosto de 2025.

Aceito em 2 de setembro de 2025.

Publicado em 13 de janeiro de 2026.

